

RESPOSTA A JOSÉ RÉGIO

que é carta aos mais escritores portugueses

Estranhei muito que José Régio respondesse ao artigo que sobre a sua poesia publiquei em «Sol Nascente».

Embora nele exponha uma convicção segura, pela rapidez com que o traçado só quiz mostrar a minha visão geral do principal sentido dessa poesia (é o autor mesmo que lhe chama o aspecto menos interessante), aquele que nos é dado em maior quantidade, a abafar nos seus livros o escasso número de poesias construídas numa concepção de Beleza inútil.

Estranhei a resposta de Régio, julguei que não devia tê-la, mas já não estranhei as razões por ele ditas: as do costume.

João Ameal, António Sérgio, Alfredo Pimenta, têm respondido aos mais variados ataques com os mesmos argumentos. São eles: que a opinião contrária à sua é 1.º um lugar comum (eu neste caso repeti, é claro)

2.º uma opinião fanática, de fechada visão cheia de preconceitos político-sociais

3.º: produto leviano da mocidade de quem ousou pô-la em papel e por tal lhe é concedida desculpa. Estes argumentos invariáveis são expostos de maneira soberana, pretensiosamente desprezadora, quando respondem a um rapaz novo que irreverentemente ousou criticar os ídolos.

Se o crítico, ao contrário, é um letrado de borla e capelo, colega na imortalidade, então o tom é outro, desfeito em elogios à inteligência e extraordinário saber do ilustre confrade, com muitas frases líricas e delicadezas cerimoniais de sala de visitas.

Por isto nós, os novos, não seguimos lugares comuns, e quando calhamos em nos convencermos de uma ideia já dita, a nossa convicção custa-nos em leitura racionada, em decisão de pensamento trabalhado e sério, tanto como se fôsse afirmada pela primeira vez.

O escritor português afasta-se do público, não se preocupa com a opinião que o leitor faz da sua arte, cerra-se na sua intangibilidade sagrada.

Esquece-se de que, cá fora, há homens que lhe compram os livros e os discutem.

A nossa literatura andou sempre mais presa às substituições de escolas em França do que às mudanças revolucionadoras da vida social e do homem português.

Por isto os nossos escritores são aristocratas delicados a quem o leitor (que tem direito a dizer-lhe como gosta e porque não gosta do livro que pagou), incomoda-se por acaso se lembra de pôr em papel a sua opinião não ilustre.

A ideia feita que só os pontífices das letras podem dar publicamente opiniões sobre tudo—o que sabem e o que não.

Elas assim a crítica artística está transformada num amável flirt entre velhos compadres.

A nossa literatura está dividida em grupos de escritores, curiosas calxinhas literárias com pretensões de monopólio do mérito e da verdade artística.

(Lá há tempos umas revistas em que José Régio passava um «brevet» de génio a Alberto de Serpa, este a Casais Monteiro, que passa outro igual a António de Sousa e assim por diante até fechar a roda).

Às vezes estes grupos zangam-se, e então é engraçado verem-se todas essas pessoas respeitáveis e intangíveis descobrindo-se umas às outras as mais baixas misérias pessoais, fazendo (os que têm responsabilidades intelectuais mais que os outros) da crítica um malerado ralho entre famílias.

Quando um anónimo atrevido tem o arrôjo de meter conversa sobre assuntos de reputação consagrada, acontece tal como entre mim e José Régio: é castigado com o que não quer ouvir, pela sua ousadia.

//

Mas vamos à carta de José Régio.

Analisemos a sua anémica argumentação:

1.º: não é fácil, como diz, camarada José Régio, repetir opiniões já por outros ditas, quando estas vieram constituir convicção nossa, não porque alguém as afirmou, mas porque as verificámos com um trabalho meditado, porque as descobrimos através da nossa compreensão consciente que se fez uma certeza sólida—a nossa verdade convicta.

É uma felicidade para mim se posso estar de acordo com os outros, sinto em mim realizada a harmonia social e humana a que aspiro.

Mas isto é questão pessoal minha, o que tem importância universal para a sua arte e para o seu público, é este facto que o camarada José Régio confirma: é opinião comum entre nós a que exponho no discutido artigo de «Sol Nascente» (que é «onanismo psíquico», eu não disse bem isso).

O camarada não concorda comigo contrapondo o argumento de que essa afirmação é de toda a gente.

Se é assim porque se admira José Régio de que eu pense o mesmo?

Se é opinião comum, a opinião que escrevo, isso faz acreditar que, até que alguém a contradiga com argumentos, tenho razão.

Ou é a opinião particular, isolada, que costuma encerrar a verdade?

A não ser que o camarada Régio, num esquivamento muito dos versos de Régio-poeta, se julgue, românticamente, incompreendido pelos homens.

O facto de a minha opinião ser a geral só afirma em meu favor; uma crítica séria consistiria não em argüir que essa opinião é a de toda a gente, mas sim (e mais ainda por esse motivo), em convencer com provas que essa opinião é falsa.

Dizer a alguém que não tem razão porque não pensa como os outros é um disparate.

2.º: Parece-me impossível que

se veja no meu curto artigo qualquer desvaio de fanatismo.

Deve ser mania da perseguição.

O camarada J. R. não me conhece, leu de mim provavelmente apenas este rápido ensaio que não tem nada de político-social, e vem deitar-me em cara o meu fanatismo cheio de preconceitos político-sociais. E ver longe! E diz-me então com ares muito decentes de catedrático: «Eis o maior inimigo da lucidez crítica—o fanatismo».

Francamente não sei que preconceitos e fanatismos lá teria encontrado. Deve ser confusão.

3.º: É o mais tolo argumento de todos. É o argumento dos parvos e dos falhados. Qualquer imbecil pelo facto de ter sido parido há mais tempo que nós, se julga com autoridade para o dito: quando você chegar à minha idade...

José Régio colocou-se entre os escritores de destaque e vai-se deixando contaminar pela vaidade aristocrática dos seus colegas.

É costume entre nós pintar em roda dos escritores a divina aureola de intangibilidade e irracional sedução que veste as prostitutas caras. É talvez baseado nas atribuições de infalível dogmatizador (todos os seus colegas se julgam e diriam o mesmo), que professoralmente me desculpa das minhas opiniões.

Desculpar alguém de ter opiniões porque é novo! Já se viu maior intolerância e autocracia literária?

Deixe presunções tolas, camarada J. Régio. O senhor é também um homem novo e sabe que a única maneira de convencer alguém (mesmo que seja rapaz) é mostrar-lhe abertamente a verdade que se tem, e não desculpá-lo por ele não a ter adivinhado.

De resto, a desculpa que me concede (analisemos até ao fundo) é uma fuga para o camarada se desculpar.

Pois então se a minha opinião já é lugar comum (de muitas outras antes de mim), diga-me: tem desculpado seguidamente as afirmações de todos esses outros, e com o mesmo argumento: serem novos?

Se a ideia que expus é tão corrente como diz, e dela discorda, julgo que o mais sensato seria contradizer objectivamente a substância dessa ideia em si, e não enumerar os defeitos pessoais do indivíduo que a assinou. (Se é que ser novo e ter opiniões correntes é defeito).

//

Camarada José Régio, estou a falar-lhe francamente, ombro a ombro, sem a tal consideração pela superioridade que lhe reconhecerão os seus leitores líricos.

Que eu, e há muitas pessoas que assim pensam, não dou valor a uma ideia porque traz o carimbo de J. Régio ou de Aquilino Ribeiro (que escreveu tolices como os outros), mas sim porque ela é útil e sensata, e traz

em si a verdade duma convicção recta.

Nem aprecio os escritores com a volúpia sentimental com que os cinéfilos adoram os actores de cinema.

Vale tanto o seu ofício de escritor como o meu de advogado ou o do meu vizinho de sapateiro.

Por si tenho a consideração que me merecem as páginas boas dos seus livros. Mais nada.

Para responder à minha crítica à sua poesia, julgo que não era preciso apresentar-lhe a minha certidão de idade nem por-se a adivinhar preconceitos e fanatismos que não tenho.

Camaradamente também ao seu dispor

ARMANDO MARTINS

NOTA: Esta resposta foi enviada a tempo de ser publicada no n.º de «Sol Nascente» seguido à sua carta. Só o é hoje por razões que os directores de «Sol Nascente» sabem e ocasionaram.

ARMANDO MARTINS

Uma carta do Dr. Abel Salazar

Ex.mo Sr. Director do «Sol Nascente»

Peço a V. Ex.a o favor de suspender a publicação dos 10 artigos em que definia o triste personagem que é o Sr. António Sérgio.

Pela segunda vez ponho ponto no assunto. E faço-o porque o caso Sérgio e anexos, tomou de repente uma feição por tal forma singular, vês-ga e mesmo sinistra, em seus bastidores e *bas-fonds*, que eu, posto entre a espada e a parede, não tenho outro recurso senão o silêncio:—silêncio de condenação muda que se estende já, não somente ao mísero personagem, mas a parte do meio intelectual português.

Silêncio, condenação e revolta.

Com toda a consideração,

ABEL SALAZAR

sol nascente